

O primeiro ano de governo de Barack Obama: tempestades à toda volta

Eva Paulino Bueno*



Cartaz da campanha de Barack Obama à presidência dos EUA (2008)

O primeiro ano de Barack Obama à frente do governo americano foi um ano de grandes dificuldades, não só para ele, mas também para o seu partido democrata. Não só para os democratas, mas também para o povo americano. Não só para o povo americano, mas também para o povo iraquiano, e o povo do Afeganistão. E, por extensão, para todas as pessoas do mundo que ouviram seu discurso de aceitação do cargo, no dia 20 de janeiro de 2009. Os únicos que não sofreram, pelo que pude averiguar ouvindo rádio, lendo jornais e assistindo as notícias, foram os comentaristas republicanos, especialmente os ligados à tropa da cadeia de televisão Fox. Para eles, foi um ano de exultação. Só

não foi melhor porque o país não sofreu um ataque terrorista de êxito.

Mas vamos por partes. Uma coisa importante que deve ser frisada é que poucos homens teriam se prestado a querer assumir um barco na situação em que se encontrava este país. Depois de oito anos da administração Bush/Cheney, os Estados Unidos tinham uma situação quase sem precedente: duas guerras caríssimas, e um sistema econômico e financeiro à beira do colapso, e uma dívida de 6 trilhões de dólares (quantia discutível, e depende de quem está fazendo as contas). Talvez a juventude e a energia de Barack Obama, mais o seu carisma pessoal e seus princípios, mais a necessidade sentida de

que alguma coisa tinha que mudar, tenham sido as principais razões pelas quais a maioria dos americanos votou nele. Mas talvez tenha sido principalmente seu sentido de dever que o levou a encarar a situação periclitante do país e mesmo assim querer ser presidente. Nos últimos dois anos do governo de George W. Bush, o que se sentia no país era que não só a situação geral interna estava se deteriorando, mas também a consideração do país no exterior tinha chegado à posição mais baixa na sua história. De fato, como nos lembra a revista *The Economist* de 16 de janeiro de 2010, talvez a coisa mais preciosa que Barack Obama conseguiu neste primeiro ano de governo foi desfazer uma boa parte “da nuvem de “ódio e medo através da qual a maioria do mundo via os Estados Unidos durante a presidência de George W. Bush” (p. 13).

De fato, Barack Obama começou seu governo com a expectativa da maioria. É possível dizer-se que até alguns republicanos (uma meia dúzia, talvez) tiveram pelo menos duas semanas de júbilo, porque de uma certa forma a eleição de um homem negro para a presidência da república dava um certo cachê moral para o país e, por extensão, mesmo para aqueles políticos que tinham trabalhado ativamente contra ele. Afinal, quando é hora de receber as vantagens, todos são americanos.

Escândalos

Lembrando o governo de Bill Clinton, podemos recordar que o primeiro “escândalo” da sua presidência foi quando o avião governamental ficou parado no aeroporto enquanto o presidente tinha os cabelos cortados por um estilista favorito. Já no governo de Barack Obama, o primeiro escândalo, açulado por um grupo que passou a chamar-se “The Tea Party” — “O partido do chá” (em referência ao grupo de cidadãos de Boston que iniciaram a revolta contra os ingleses e atirou no porto o chá que os ingleses queriam

sobrecarregar de impostos), foi a insinuação de que Barack Obama não é cidadão americano porque “não nasceu no país”. Nas inúmeras reuniões em cidades, cidadezinhas e vilarejos, este grupo barulhento se apresentava e começava a gritar que o país estava nas mãos de “um árabe, um estrangeiro”. O episódio mais patético relacionado a este escândalo foi mostrado na televisão, de uma mulher que teve praticamente um ataque de nervos na frente das câmeras e dizia, “eu nunca vi a certidão de nascimento deste homem! Ele é um estrangeiro! Eu quero meu país de volta!”. Aí as coisas começaram a ficar ainda mais enroladas quando alguns comentaristas da Fox e outros tomaram esta posição. Logicamente, a certidão de nascimento de Barack Obama diz claramente que ele nasceu no Havaí. Então, a conclusão deste episódio deixou muito claro que, embora eleito pela maioria dos americanos, ainda no país as forças do racismo e da xenofobia continuam bastante fortes.

O segundo escândalo esteve relacionado com o fato do presidente levar sua esposa a Nova Iorque para assistirem uma peça de teatro na Broadway, e jantarem juntos em um restaurante da cidade. Esta foi uma promessa que ele fez à sua esposa durante a campanha. Mas o que ambos talvez não tivessem tomado consciência antes, é que, uma vez eleito, o espaço para a vida pessoal fora da Casa Branca deixa de existir. Para que o casal pudesse ir a Nova Iorque, ver uma peça de teatro, e jantar, foi preciso que se movimentassem agentes de segurança, aviões, etc. Os republicanos, logicamente, se aproveitaram desta brecha para criticar.

Por estranho que pareça, estes mesmos republicanos não acharam nada ruim que o governo gastasse bilhões de dólares pagando companhias (dos compadres) para sub-alimentar e sub-armar os soldados americanos.

As guerras e o que representam

Talvez o segundo assunto mais controversos no momento é a situação em relação às duas guerras. Barack Obama tinha prometido durante a campanha que terminaria a guerra do Iraque e traria as tropas de volta. Também prometeu que voltaria a atenção para a situação no Afeganistão. E, também que fecharia a prisão de Guantanamo.

A situação no Iraque, embora mais estável que antes, continua volátil. Há ataques contra órgãos do governo, contra civis, contra partes da infraestrutura do país. Claramente há grupos que ainda não se conformam com a queda de Saddam Hussein, e que continuam atacando tudo. Enquanto isto, soldados americanos continuam morrendo, se bem que em menor escala, e acusações de ataques a civis por parte deles ou de empresas contratadas pelo americanos também continuam. De fato, os contratados — mercenários — melhor armados que os soldados, e ganhando muito mais que eles, são uma presença constante no Iraque, e em setembro de 2007 um grupo da companhia Blackwater matou a tiros 17 civis que estavam no trânsito quando ia passando uma caravana de um diplomata americano. Logicamente, se Barack Obama conseguir retirar todos os soldados americanos do Iraque, ainda vão ficar lá estas companhias e o que quer que façam vai reverberar no mundo inteiro como ação dos americanos. Enquanto elas continuarem no Iraque, o país vai continuar sendo um país ocupado.

Quanto ao Afeganistão: o aumento de tropas americanas no país está fazendo aumentar o número de mortos civis e militares, ao mesmo tempo que, ao que tudo indica, a cabeça do Al Qaeda agora se transferiu para o país africano do Yemen. Al Qaeda é como uma hidra, e cortar uma das suas cabeças só faz que duas nasçam no seu lugar.

Antes que alguém comece a chorar pela Al Qaeda, convém não esquecer que este

grupo apoiou o Taliban, e que o Taliban teve um reinado de terror no Afeganistão, impôs a burka para as mulheres, a execução sumária de mulheres que saíam à rua sem a cobertura completa, e também foi o Taliban o responsável pela destruição das estátuas de Budha, de mais de dois mil anos, porque disseram que era “contra a religião” deles. A religião deles obviamente é uma de ódio a tudo que não seja o que eles entendem por certo, a subjugação total das mulheres, e a aniquilação de tudo que não seja a ortodoxia deles. Deixar que o Afeganistão resolva as coisas por si mesmo, a estas alturas, não é uma opção responsável. O mais triste é que, enquanto isto, milhares de civis inocentes são mortos, e pessoas americanas em farda também são mortas.

Seria possível que os governos ou líderes de todas as facções se sentassem para discutir civilizadamente como resolver todos os problemas? Me parece bem difícil. O que é mais irônico é que quem atraiu a ira dos americanos contra o Afeganistão, um cidadão da Arábia Saudita chamado Osama Bin Laden, continua vivo, e tenho certeza que passa muito bem. Os outros que se danem.

Mas o xis da questão deste primeiro ano de governo Obama é...

...a reforma do sistema de saúde. Esta foi a sua promessa da campanha, e o que ele encarregou o congresso de elaborar o mais rápido possível. Depois, ele saiu fazendo discussões com as pessoas, explicando o plano. Mas, mesmo entre os democratas, que são maioria na câmara dos deputados e no senado federal, não há consenso.

Um dos pontos mais críticos é a questão do aborto. Entre os democratas há muitos católicos que não admitem que seja feito aborto, muito menos com qualquer ajuda do governo. Esta questão enrolou o encaminhamento do projeto. Depois, os republicanos, cheirando sangue, se assanharam e começaram uma campanha

nacional de desinformação, dizendo que o projeto dos democratas ia exigir que as pessoas velhas recebessem um prazo para morrer.

Logicamente esta é uma idéia absurda, mas a conjunção de medo, xenofobia, racismo, e estupidez forma uma mistura explosiva. Quase que imediatamente a campanha de medo começou a surtir efeito, e muitos dos constituintes começaram a procurar seus representantes e senadores, exigindo isto e aquilo. Outros da campanha nacional da desinformação começaram a dizer que este tipo de reforma era uma coisa de “socialistas e comunistas”. Outra combinação poderosa para a psique americana média. Hoje, em janeiro de 2010, onde eu moro, é comum ver caminhonetes e SUVs com adesivos dizendo que esta reforma “é coisa de soviéticos”. Coincidência ou não, estas caminhonetes e SUVs também têm os adesivos da *National Rifle Association* (Associação Nacional do Rifle) que se constitui num dos lobbys mais poderosos do país.¹

E agora, Obama?

Não. A festa não acabou. Na verdade, só começou. O primeiro ano de qualquer presidente, por razões psicológicas, parece ser o mais importante e marcante. Mas a história não comprova esta teoria. Senão vejamos: embora o nível de aprovação de Barack Obama tenha caído de 68% a 53% ele não é o único que enfrenta este problema. De fato, mesmo um presidente

¹ Aliás, no dia 23 de janeiro de 2010, a Associação Nacional do Rifle comemorou uma vitória muito importante: a reversão da expulsão de um rapaz de 17 anos que tinha levado 2 rifles ao colégio. Durante uma entrevista, o diretor da escola, que tinha expulso o rapaz, disse que não se arrepende de sua decisão, porque ele teme pela segurança dos demais alunos, professores e trabalhadores da escola. A Associação pagou os advogados para defender o rapaz, e também em entrevista seus representantes disseram que, como o aluno tinha deixado as armas no carro, do lado de fora da escola, o diretor não tinha o direito de tê-lo expulso.

que hoje em dia é considerado um dos mais bem sucedidos, Ronald Reagan, sofreu uma enorme queda na sua popularidade ao completar um ano de governo. A ABC News, em um artigo de 17 de janeiro, compara as porcentagens, e nos recorda que, no fim do seu primeiro ano de governo, a popularidade de Reagan tinha caído para 52%, e que continuou a cair no seu segundo ano. Mais tarde, com a recuperação da economia, também se recuperou sua imagem e popularidade.²

Mas um presidente que começou com o tipo de promessa que Obama fez, não pode ter como sua meta principal ser popular. Este é o maior medo entre muitos democratas, que Obama, que criou sua *persona* política como um organizador de comunidade, ainda não entrou na pele de presidente. O organizador de comunidade, pela sua própria característica eminentemente igualitária e democrática, tem que deixar que a comunidade se pronuncie, crie as condições, sugira soluções. Um presidente, alguns dizem, tem que ser mais que isto. O que muitos da mídia liberal (palavra “feia” para os da direita) dizem, é que, para que o governo de Obama chegue a ser, no final de quatro anos, pelo menos parte do que ele prometeu durante a campanha, ele vai ter que não se importar tanto com sua imagem. Talvez ele tenha que jogar muito mais duro com seus inimigos dentro da política americana. Muitos deles jogam sujo, jogam baixo. Ao ficar alheio a estas maquinações, os que queremos que seu governo seja bem sucedido, e que ele consiga as coisas que se propôs conseguir, achamos que ele se expõe às barbaridades tais quais a tolice sobre seu nascimento e sobre a “sovietização” dos Estados Unidos,

² Hoje, especialmente entre os republicanos, Reagan tem quase o *status* de um santo secular. Poucos se lembram que o escândalo do qual ele se esqueceu envolveu o Irã, os Contra, e uma história de corrupção e morte.

quando mais cidadãos tenham acesso a tratamento de saúde.

Mas o governo dos Estados Unidos se opera em muitos níveis, um deles o da Corte Suprema. Logo depois que Obama completou um ano de governo, a maior bomba de potencial destruidor foi acesa pela decisão da Corte Suprema (com a maioria dos juizes apontados pelos republicanos) de permitir que companhias financiem campanhas políticas. Isto quer dizer: os políticos sem consciência — e até os de consciência, infelizmente — vão estar tropeçando uns por cima dos outros para conseguirem financiamentos de companhias, inclusive companhias estrangeiras. No seu discurso à nação em 27 de janeiro de 2010, Obama se refere a este voto, e o critica, dizendo que isto vai, realmente, abrir as comportas para mais interferência no governo.

Este último fator me faz lembrar o discurso do presidente Lincoln em Gettysburg, 19 de novembro de 1863 quando ele conclui que, “that government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the earth” – “aquele governo do povo, pelo povo, para o povo, não perecerá sobre a face da terra.”³ Com este voto

³ Quando Lincoln proferiu este discurso, a guerra estava nos seus dias mais negros. A batalha de Gettysburg tinha custado muitas vidas, e o presidente tinha sido convidado pelo juiz David Will a vir dedicar o cemitério. A situação é sombria. O discurso é curto. Muitos o criticaram. Mas, como o tempo, este pequeno discurso, de exatamente 278 palavras, foi considerado, já em 1865, um dos maiores e mais comoventes discursos já proferidos. O discurso, na íntegra, é:

“Four score and seven years ago our fathers brought forth on this continent, a new nation, conceived in Liberty, and dedicated to the proposition that all men are created equal.

- Há oitenta e sete anos atrás nossos pais criaram neste continente uma nova nação, concebida em Liberdade, e dedicada à proposição que todos os homens são criados iguais.--

Now we are engaged in a great civil war, testing whether that nation, or any nation so conceived and so dedicated, can long endure. We are met on a great battle-field of that war. We have come to

devastador da Corte Suprema, pode ser reescrito: “este governo das empresas

dedicate a portion of that field, as a final resting place for those who here gave their lives that that nation might live. It is altogether fitting and proper that we should do this.

--Agora nós estamos envolvidos em uma grande guerra civil, testando se aquela nação, ou qualquer nação concebida de tal modo, e dedicada a este ideal, pode durar por muito tempo. Nós nos encontramos num grande campo de batalha daquela guerra. Nós viemos dedicar uma porção daquele campo como um lugar de descanso final para aqueles que aqui deram suas vidas para que a nação possa viver. É completamente adequado e apropriado que nós façamos isto.--

But, in a larger sense, we can not dedicate -- we can not consecrate -- we can not hallow -- this ground. The brave men, living and dead, who struggled here, have consecrated it, far above our poor power to add or detract. The world will little note, nor long remember what we say here, but it can never forget what they did here. It is for us the living, rather, to be dedicated here to the unfinished work which they who fought here have thus far so nobly advanced. It is rather for us to be here dedicated to the great task remaining before us -- that from these honored dead we take increased devotion to that cause for which they gave the last full measure of devotion -- that we here highly resolve that these dead shall not have died in vain -- that this nation, under God, shall have a new birth of freedom -- and that government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the earth.

- Mas, num sentido mais amplo, nós não podemos dedicar—nós não podemos consagrar —nós não podemos santificar—este chão. Os bravos homens, vivos e mortos, que lutaram aqui, o consagraram muito além do nosso poder de adicionar ou subtrair. O mundo vai prestar pouca atenção, e não se lembrará por muito tempo do que dissermos aqui, mas o mundo nunca poderá esquecer o que [aqueles bravos homens] fizeram aqui. Então, cabe a nós que estamos vivos ser dedicados aqui ao grande trabalho ainda incompleto que temos diante de nós—que destes mortos honrados nós possamos obter uma devoção ainda maior à causa pela qual eles deram a mais completa medida da sua própria devoção—que aqui nós façamos a mais elevada resolução de que estes mortos não morreram em vão—que esta nação, debaixo de Deus, terá o novo nascimento da liberdade – e que o governo do povo, pelo povo, para o povo, não perecerá sobre a face da terra.”

- Você pode ouvir a leitura do discurso em <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1512410>

ricas, pelas empresas ricas, para as empresas ricas, vai fazer todo o possível para continuar massacrando os pobres americanos e, por extensão, do mundo inteiro”. Em tais condições, quem iria se preocupar se os pobres têm acesso à medicina? Afinal, pra que se preocupar com a saúde, se eles seriam mandados a

campos de guerra para exterminar e serem exterminados? Mas, antes, eles teriam uma consistente lavagem cerebral, patrocinada pela letra “V” de “voracidade” através de atraentes e bem boladas campanhas de propaganda política na tevê, rádio, jornais, internet. Como dizíamos no Brasil, “quem pode mais, chora menos”.



* **EVA PAULINO BUENO** é professora de Espanhol e Portugues, Literaturas Latino Americanas, Brasileira, e Norte Americana na St. Mary's University em San Antonio, Texas.